



UMA BIOGRAFIA POR DAVID SHEFF

Para Kyoko Ono e Sean Ono Lennon

NOTA DO AUTOR

PARTES DESTE LIVRO FORAM PUBLICADAS anteriormente em artigos que escrevi ou coescrevi para revistas, entre eles “The *Playboy* Interview with John Lennon and Yoko Ono”, “The Betrayal of John Lennon”, “The Night Steve Jobs Met Andy Warhol” e “Yoko Ono: How She Is Holding Up”. Alguns trechos também constam no meu livro *A última entrevista do casal John Lennon e Yoko Ono*.¹

Ao longo dos anos, conduzi muitas entrevistas com Yoko para escrever esses artigos e outros projetos. Além disso, passei inúmeras horas conversando com ela sobre sua vida e obra. As citações de Yoko neste livro foram retiradas de nossas conversas, exceto quando há indicação de fonte.

Para fins de clareza, editei e resumi algumas citações e entrevistas com Yoko, John e outras pessoas.

INTRODUÇÃO

Criança do oceano

MILHARES DE LIVROS e artigos já foram escritos sobre John Lennon e os Beatles e, na maior parte deles, Yoko Ono é uma caricatura, uma curiosidade ou até uma vilã – sedutora insondável, vigarista manipuladora, uma fraude estridente que hipnotizou Lennon e acabou com a maior banda da história. A saga de Lennon e dos Beatles é uma das maiores histórias já contadas, mas o papel de Yoko ficou oculto na sombra formidável da banda, obscurecido ainda pela misoginia e pelo racismo escancarados.

Quando Yoko o conheceu, John estava no ápice de sua fama extraordinária. Certa vez, brincando, ele disse que os Beatles eram mais famosos que Jesus. Não foi um exagero completo.

Quando John a conheceu, Yoko também já tinha conquistado certa fama, embora insignificante se comparada à dele. Estava em ascensão no mundo da arte de vanguarda internacional. Os dois formaram o casal mais famoso do mundo – dois músicos, artistas e pacifistas –, “o príncipe místico e maravilhoso do rock’n’roll se aventurando [...] com uma estranha mulher oriental”,¹ como Lennon descreveu a percepção pública sobre aquele romance.

Não demorou para que Yoko virasse alvo de fúria. Em Londres, fãs dos Beatles acampavam em frente à Apple Records, o selo fonográfico da Apple Corps, e, quando Yoko aparecia, gritavam que ela deveria voltar para seu país. Eles a chamavam de “japa feia”.²

Comentários racistas e sexistas vinham da imprensa, dos fãs, do círculo dos Beatles e dos outros Beatles. O músico e artista Klaus Voormann, amigo e colaborador do grupo, disse: “Os homens que Yoko ameaçava a chamavam de *megera* – e ela ameaçava todos eles.”³ John levava Yoko para o estúdio de gravação enquanto os Beatles trabalhavam, e, em 2021, Paul McCartney admitiu à entrevistadora Terry Gross: “A gente não gostou nem um pouco daquilo tudo porque pensou: ‘Quem é essa aí? E por que ela está sentada no meu amplificador?’”⁴ No começo dos anos 1970, Yoko era, segundo o apresentador de TV Dick Cavett, “uma das mulheres mais controversas desde a duquesa de Windsor”.⁵ Mais recentemente, o jornalista Ray Connolly atualizou a referência ao Palácio de Buckingham ao dizer: “O tratamento que deram a Meghan Markle quando ela se uniu ao príncipe Harry não foi nada comparado ao ódio contra Yoko quando ela se uniu a John.”⁶

Detalhes da vida e da obra independente da artista eram considerados quase sempre insignificantes; ela era irrelevante a não ser pelo impacto que tinha sobre Lennon e a banda. Como resultado, a impressão que muitos têm dela resulta de versões ultrapassadas, sensacionalistas e fictícias da história que começou quando ela conheceu John e que terminou com o assassinato dele, um período de meros catorze anos em mais de noventa de vida.

A HISTÓRIA DE YOKO começa em Tóquio. Quando criança, ela dispunha de privilégios materiais, mas seus pais eram distantes e indiferentes. Não só eram inacessíveis como a isolaram das outras crianças, alegando que ela não deveria se misturar com gente que se aproveitaria dela. Yoko ansiava por amor e afeto, mas essas necessidades não foram supridas na infância. Ela reagiu construindo muros que a separavam das outras pessoas. Já adulta, seu comportamento reservado passou a ser interpretado como arrogância, mas encobria uma tristeza e uma carência profundas.

Boa parte da vida pessoal e criativa de Yoko foi uma reação direta à negligência dos pais e a uma série de traumas pelos quais passou. Em 1941, no início da Segunda Guerra, Yoko tinha 8 anos. Aos 12, viveu o horror do bombardeio a Tóquio, e o trauma continuou quando a família saiu da

capital e foi viver numa aldeia onde era preciso implorar e negociar por comida. Quando voltou a Tóquio, a cidade estava em ruínas.

Yoko cresceu entre o Japão e os Estados Unidos, dividida, sentindo-se isolada tanto do Oriente quanto do Ocidente. Na adolescência, estudou em escolas de elite. Era excelente aluna, mas ansiosa, deprimida e solitária. Ainda adolescente, tentou suicídio. Por fim, encontrou refúgio na própria imaginação e na arte.

Frequentou faculdades em Tóquio e Nova York, sem as concluir. Depois se mudou para o bairro nova-iorquino de Greenwich Village, onde ajudou a revolucionar a forma como as pessoas pensavam e criavam arte. “Ela nunca quis se limitar a um único tipo de arte”, afirmou Hans Ulrich Obrist, curador, crítico e historiador. “É pintora, poeta, escultora, cineasta, arquiteta e escritora, por isso não a aceitaram em nenhum desses mundos.”⁷ Como cantora, dividiu até mesmo o cenário da vanguarda ao usar a voz como um instrumento lastimoso – dissonante, queixoso, perturbador, chegando às profundezas da agonia e ao ápice do êxtase, o que lhe rendeu alguns fãs, mas angariou mais desdém.

Depois dos fracassos iniciais para se aproximar do público (e após uma nova tentativa de suicídio), foi elogiada por sua arte em Nova York e Londres, onde em 1966 conheceu John Lennon. E, embora seja verdade que, quando se conheceram, ele já estava no auge da fama, *ela* foi a artista cujo trabalho ele decidiu ver. “Tinham me falado de um ‘evento’, de uma artista japonesa de vanguarda que vinha dos Estados Unidos”, disse John. “Ela estava com tudo. Tinha alguma coisa a ver com sacos pretos e achei que seria só sexo, umas orgias pretensiosas. Legal! Bem, foi anticonvencional, mas não do jeito que achei que seria.”⁸

A obra de Yoko era deliberadamente desafiadora, o que empolgou Lennon e uma plateia que queria ser desafiada, mas enfureceu o público convencional que chegou até ela por meio dos Beatles. No ano em que Yoko conheceu John, os Beatles estavam nas paradas com canções pop como “Paperback Writer” e “Yellow Submarine”; enquanto isso, ela estava gritando e gemendo no palco e pondo as pessoas dentro de sacos. Lançou um filme chamado *No. 4 (Bottoms)* que consistia inteiramente em imagens de nádegas nuas.

John, que na época se sentia preso e sufocado como Beatle e infeliz no casamento, ficou encantado com a leveza e o humor da obra de Yoko, e

comovido por seu *páthos*. Certa vez, afirmou acreditar que ela se expressava de maneira tão efetiva – tão *pura* – que muitas pessoas não suportavam. “Foi por isso que não aguentaram o Van Gogh”, disse ele. “É real demais, machuca.”⁹

Os dois se apaixonaram e John se tornou o maior aliado, amigo e colaborador de Yoko. Ela achou que tinha encontrado sua cara-metade, um tipo de felicidade que não acreditara possível. Nunca tinha vivido o tipo de amor e vínculo que experimentou com John. Com ele, sentia-se segura; era um alívio da dor e da solidão. No entanto, foi pega de surpresa quando a imprensa e o público a atacaram por estar com ele. Quando os Beatles se separaram, foi acusada e caluniada.

Ferida pela condenação pública, Yoko se dedicou ao que lhe era mais importante: a arte, a música e o ativismo – e o marido. Seguiu-se mais de uma década de trabalho solo e colaborativo. É possível ver os conceitos de satisfação dos desejos e positividade de Yoko em sua obra solo e nas colaborações com John. As músicas “Imagine” e “Give Peace a Chance” surgiram da arte e das ideias dela. Sua filosofia sobre arte e ativismo foi a base de muitas das campanhas do casal em defesa da paz. Sobre os famosos *bed-ins*, os protestos na cama, John disse: “O evento que fizemos pela paz veio diretamente da cabeça de Yoko.”¹⁰

Yoko e John atuaram juntos em eventos, canções, performances e atos políticos irreverentes, engraçados, profundos e inspiradores – muitas vezes combinando vários desses aspectos –, o que fez deles o casal mais famoso do mundo. Separaram-se durante um período que John chamou de “fim de semana perdido”,* mas voltaram mais dedicados que nunca um ao outro. Em 1975, Yoko e John tiveram um filho, Sean Taro Ono Lennon, e, no fim daquela década, Yoko viveu sua época mais feliz até então.

Foi quando aconteceu o assassinato que ecoou pelo mundo. O herói da classe trabalhadora estava morto. Yoko estava ao lado do amado e ficou arrasada.

* Possível referência ao livro *The Lost Weekend*, de Charles Jackson, publicado em 1944, cujo protagonista passa cinco dias consumindo álcool, ou à adaptação homônima de Billy Wilder para o cinema, conhecida no Brasil como *Farrapo humano*. [N. T.]

O crime provou que ela sempre tivera razão: o mundo não era um lugar seguro.

E aquele grande trauma foi só o começo. Na esteira da morte de John, ela foi traída, roubada e chantageada, além de ter recebido ameaças de morte. Segundo a jornalista Barbara Graustark, que entrevistou Yoko e John pela primeira vez para a *Newsweek* em 1980 e mais tarde publicou reportagens sobre ela no *The New York Times*: “Havia em Yoko um forte desejo de seguir em frente como artista, de tentar seguir em frente com Sean, mas pensando o tempo todo: ‘Será que sou a próxima? Será que alguém vai vir atrás de mim?’”¹¹

Mesmo em meio à turbulência, Yoko não parou de trabalhar. Depois do assassinato, embarcou numa tentativa constante e extraordinariamente bem-sucedida de proteger o legado de John e mantê-lo relevante. E, embora suas realizações artísticas fossem sempre ofuscadas por sua associação com o ídolo morto, começou uma nova fase de trabalho solo. O público manteve uma opinião negativa a seu respeito, e o mito da garota que acabou com os Beatles perdurou, mas uma história paralela começou a surgir, corrigindo a narrativa superficial e sexista.

Uma lista longa e eclética de artistas, músicos, críticos e historiadores passou a reconhecer Yoko como pioneira em seus respectivos campos. Essa reavaliação começou pela arte. Desde 2000, muitos dos maiores museus do mundo apresentaram retrospectivas de sua obra. Ela recebeu o Leão de Ouro pelo conjunto da obra na Bienal de Veneza em 2009. Ao escrever sobre a exposição de Yoko no Guggenheim Bilbao em 2014, o crítico Jonathan Jones fez uma pergunta retórica: “Existe algum estilo de arte contemporâneo em que ela não tenha sido pioneira?”¹² A retrospectiva mais abrangente até o momento, *Yoko Ono: Music of the Mind*, estreou no Tate Modern de Londres em 2024 – quando ela estava com 91 anos. O título da crítica no *Financial Times* era: “A pioneira da arte conceitual recebe o devido reconhecimento.”¹³

A música de Yoko também foi reavaliada. Reedições de seus primeiros álbuns, antes recebidos quase sempre com indiferença ou críticas ferrenhas, foram elogiadas. Kurt Cobain a chamou de “a primeira mulher *punk rocker*”.¹⁴ Pete Townshend observou que “ela foi uma das primeiras terroristas da arte, combinando moralidade profunda, confrontação e choque”.¹⁵ Em 2020, a cantora pop Miley Cyrus tatuou no ombro um bilhete assinado

por Yoko.¹⁶ Kim Gordon resumiu: “Yoko ainda é uma das musicistas mais radicais dos dias de hoje. Ela está muito à frente do seu tempo.”¹⁷

Nos anos 2000, remixes das músicas de Yoko tocavam com frequência em bares e boates de todo o mundo, e, quando doze gravações da artista chegaram ao 1º lugar na lista Dance Club da *Billboard*, o *The New York Times* a coroou “rainha do neodisco”.¹⁸ Depois, ela chegou a treze hits no topo da lista.

Enquanto isso, Yoko continuou compondo e colaborando com artistas inovadores. Sua influência foi reconhecida por músicos como Kim Gordon, Patti Smith, Thurston Moore, Laurie Anderson, Lady Gaga e RZA. David Byrne declarou: “As pessoas se concentravam nos Beatles, mas na vanguarda da música experimental – com John Cage e pessoas assim – Yoko estava criando uma nova música: canções lindas e etéreas, e também canções feioes que denunciavam a guerra e a desumanidade.”¹⁹

Houve ainda uma mudança gradual na maneira de enxergar os atos políticos de Yoko. Ela foi uma ativista influente, dedicada a erradicar a violência armada, a combater a fome, a eliminar armas nucleares, a expor e acabar com as agressões contra as mulheres. Trabalhou para promover a conscientização e o tratamento da aids e de outras doenças. Foi uma ambientalista fervorosa que celebrou a natureza. Acima de tudo, teve seu trabalho em defesa da paz reconhecido, com mais de meio século de apresentações, músicas, campanhas com pôsteres e outdoors, filmes, instalações, protestos, textos e outras ações. Rich Thomas escreveu na revista *Magnetic*: “Antes de Bono, havia Ono.”²⁰

Além disso, Yoko foi reconhecida como pioneira do feminismo. Criou obras de arte feminista incendiárias, incluindo realizações controversas como “Cut Piece”, o filme *Fly* e a obra interativa *Arising*, em que pedia às mulheres de todo o mundo que compartilhassem histórias do próprio sofrimento. Suas canções “Woman Power”, “Sisters, O Sisters” e “Angry Young Woman” tornaram-se hinos feministas. A liberação feminina foi o tema de seu álbum *Feeling the Space*. Ao longo de décadas, inspirou inúmeras mulheres. Cyndi Lauper conta que, quando tinha 16 anos, Yoko abriu seus olhos para a forma como a sociedade tratava as mulheres. “Ela quebrou o molde do que uma artista poderia ser e do que uma mulher poderia ser. Era sexy, se expressava sem moderação, era selvagem. Me mostrou como me

afastar de pessoas que me diziam: ‘Alguém tem que dar um jeito em você.’ Ela me disse que não tinha problema ser você mesma – ser quem eu era.”²¹

Por fim, houve uma mudança na maneira de perceber Yoko como pensadora. Quando entrevistei John em 1980, ele disse: “Ela é a professora e eu sou o aluno. Eu sou o famoso, o que deveria saber tudo, mas ela é minha mestra. Ela me ensinou tudo o que sei.”²² Outras pessoas começaram a apreciá-la pelo que John descreveu como “uma sabedoria de outro mundo”. “Yoko vem de uma noção de pós-misticismo que mistura o ocidental e o oriental”, disse DJ Spooky. “Ela é uma xamã. Os xamãs eram figuras transcendentais que podiam nos guiar numa experiência. É assim que eu a vejo.”²³

Yoko passou por muitos sofrimentos, mas também vivenciou grandes alegrias. Ofereceu sua obra com a intenção de inspirar e curar. Combinou arte e ativismo, desafiando cada pessoa a assumir uma responsabilidade pessoal pela paz. Sua mensagem tem sido clara e firme: o sofrimento humano é universal, mas somos resistentes. Juntos, podemos mudar o mundo.

EM 1980, QUANDO EU ERA UM JORNALISTA novato de 24 anos, fui designado para uma tarefa cobiçada: entrevistar Yoko e John para a revista *Playboy*. Bastava convencê-los a falar comigo. Em resposta ao meu telegrama, um assistente de Yoko me telefonou para perguntar quando e onde eu havia nascido. Ao que parecia, a entrevista dependia da interpretação que Yoko faria do meu mapa astral e da minha numerologia.

As estrelas e os números se alinharam. No dia seguinte, o assistente ligou para me dizer que Yoko estava avaliando meu pedido e que se encontraria comigo. Peguei um voo de Los Angeles para Nova York e, conforme as instruções, fui até o edifício Dakota no Upper West Side.

O célebre Dakota, uma construção neogótica, tinha esse nome porque, no começo dos anos 1880, quando foi construído, a localização no Upper West Side de Nova York era remota – como o Território de Dakota. Em 1980, o edifício, que domina o quarteirão da Rua 72 até a Rua 73 na Central Park West, era conhecido por ter sido cenário de um filme, *O bebê de Rosemary*, de Roman Polanski, e por seus moradores célebres, entre eles Lauren Bacall, Rudolf Nureyev, Leonard Bernstein e os mais famosos: Yoko e John, proprietários de vários apartamentos. Isso incluía a residência principal,

no sétimo andar, aonde se chegava por um elevador velho e rangente, decorado com uma gárgula ameaçadora que parecia vigiar os passageiros do alto. No primeiro andar ficavam o Studio One, o escritório de Yoko, e um apartamento que funcionava principalmente como closet. Certa vez, Elton John, amigo de Yoko e John, além de padrinho de Sean, mandou ao casal um cartão atrevido que subvertia a letra de “Imagine”:²⁴

*Imagine six apartments
It isn't hard to do
One is full of fur coats
Another's full of shoes.**

Depois de passar pela recepção do prédio, eu me vi no Studio One. Atravessei o escritório externo, passando por uma série de arquivos com etiquetas enigmáticas – como APPLE, PALM BEACH e VACAS HOLANDESAS –, equipados com uma escada de biblioteca. Havia estantes de livros, pôsteres emoldurados, fotografias e um relógio atrasado em dez minutos. Seguindo as orientações prévias, tirei os sapatos antes de ser conduzido até o escritório interno de Yoko.

Yoko tem 1,53 metro de altura. “É bom manter-se pequeno”, escreveu ela certa vez, “como um grão de arroz, [...] tornar-se dispensável, como papel.”²⁵ Seu cabelo preto estava preso num rabo de cavalo. Mesmo à meia-luz, usava grandes óculos escuros. Fumava um cigarro Nat Sherman. A primeira frase que ela disse foi: “Você tem números bem fortes.” Deu uma tragada. “Combinam com os de John.” Uma assistente nos trouxe chá *kukicha* torrado.

Observei a sala. O santuário íntimo de Yoko tinha tapete, sofá, cadeiras e uma escultura de palmeira – todos brancos. Havia um painel *shōji* e um piano. As paredes eram revestidas de madeira e espelhadas, com caixas de vidro contendo artefatos egípcios, como um crânio acinzentado e um peitoral de ouro. Havia um retrato pendurado de John e Sean, ambos com o cabelo na altura dos ombros. Uma caixa de carvalho incrustada de marfim e jade estava sobre uma mesa de centro feita de vidro emoldurado em fer-

* “Imagine seis apartamentos/ Não é difícil de fazer/ Um está cheio de casacos de pele/ E o outro, de sapatos.” [N. T.]

ro; debaixo da mesa, numa trave, serpenteava uma cobra de ouro. O teto *trompe-l'oeil* imitava o céu.

Yoko me contou sobre o projeto em que ela e John estavam trabalhando: um álbum – provavelmente dois –, “um diálogo entre nós, alternando músicas, um casal conversando, contando uma história”.

Respondi às perguntas dela sobre minha ideia para a entrevista. Na tentativa de convencê-la a participar, mostrei-lhe cópias de entrevistas que pessoas como Martin Luther King Jr., Albert Schweitzer, Bob Dylan e o então presidente Jimmy Carter deram à revista *Playboy*. Depois de folheá-las, ela respondeu: “Pessoas como Carter só representam seu próprio país. Eu e John representamos o mundo.”²⁶

Yoko explicou que sua interpretação do meu mapa astral e da minha numerologia a levava à conclusão de que “este é um momento muito importante” e concordou com o projeto, dizendo: “Esta entrevista vai significar mais do que você consegue entender agora.”²⁷ Ela então me dispensou.

Conforme as instruções, telefonei no dia seguinte e Yoko me disse para ir ao Dakota ao meio-dia. Quando cheguei, havia um recado pedindo que me encontrasse com ela e John num café perto dali.

HOJE EM DIA, os jornalistas têm sorte se conseguem entrevistar uma estrela do cinema ou da música por uma ou duas horas, mas passei quase três semanas com Yoko e John em setembro de 1980. Na maior parte dos dias, estivemos juntos desde a manhã até a noite, no apartamento deles, no escritório dela, em cafés e restaurantes, em limusines e estúdios de gravação. Caminhamos pelas ruas do Upper West Side e pelo Central Park. Eu os entrevistei em dupla e individualmente. Nunca pediram que eu excluísse nenhum comentário. Eram afetuosos um com o outro. John a provocava de um jeito carinhoso; em resposta, ela revirava os olhos.

Depois de concluir a entrevista e escrever o artigo, voltei à Califórnia. Conforme o cronograma, a revista chegaria às bancas no começo de dezembro, mas, ao receber uma cópia adiantada, meu editor a enviou para o edifício Dakota. Yoko me telefonou em Los Angeles na manhã de 7 de dezembro, um domingo, e deixou um recado na minha secretária eletrônica. Quando liguei de volta, alguém tirou o telefone do gancho, mas não

disse nada. Eu já ouvira que John quase nunca atendia ao telefone e, quando escutei um breve assobio do outro lado da linha, disse que sabia que era ele. Conversamos um pouco, até que Yoko atendeu em outra extensão. Os dois tinham ficado contentes com a entrevista. Ela repetiu que era muito importante. Conversamos por meia hora e falamos em nos encontrar quando eu voltasse a Nova York. Nós três havíamos ouvido seus álbuns, uma música por vez – as canções de John com os Beatles, as colaborações e os trabalhos solo, enquanto conversávamos sobre a gênese e o significado de cada uma –, e eu queria continuar repassando as músicas que faltavam. Depois, nos despedimos.

Na noite seguinte eu estava em casa vendo o *Monday Night Football*. O locutor, Howard Cosell, interrompeu o jogo com a notícia de que John tinha sido baleado e morto.

ERA INCONCEBÍVEL. John estava morto. Tentei ligar para Yoko, mas não consegui contato, por isso fiz as malas e peguei um voo noturno para Nova York. Fui de táxi até o Dakota, mas era impossível se aproximar do edifício. Milhares de pessoas tinham peregrinado para lá; a multidão transbordava até o Central Park. Saí do carro e chorei com eles.

PELAS NOSSAS ENTREVISTAS, eu sabia que nos cinco anos anteriores, desde o nascimento de Sean, Yoko e John levavam uma vida mais tranquila que antes. John se encarregava dos cuidados com o filho – era o dono de casa – e Yoko administrava os negócios da família: as editoras de música, as ações da Apple, a gravadora dos Beatles, as questões jurídicas e os investimentos em arte, antiguidades e imóveis. Na época, corriam boatos de que os dois tinham um patrimônio avaliado em 150 milhões de dólares. Faziam algumas viagens, mas, por definição, os Lennon quase sempre se isolavam. Tinham um pequeno grupo de amigos fiéis, mas não viam muitas outras pessoas. Por isso, quando John morreu, Yoko ficou extremamente isolada. Fui uma das poucas que criaram uma rede de proteção em volta dela enquanto lutava para sobreviver a um período que, mais tarde, descreveria como a “época de vidro” – quando ficou frágil, quebradiça e quase se estilhaçou.

Nos anos seguintes, nos tornamos grandes amigos e me aproximei de Sean. Eu os visitava com frequência em Nova York, me hospedando muitas vezes no Dakota ou na propriedade de Yoko em Cold Spring Harbor. Ela era notívaga. Às vezes passávamos a noite conversando, por telefone ou pessoalmente.

Entrevistei Yoko para mais artigos e outros projetos, além de trabalhar com ela algumas vezes. Em 1983, ajudei a produzir *Heart Play: Unfinished Dialogue*, um disco falado para promover o álbum *Milk and Honey*. No ano seguinte, ajudei a reunir artistas para fazer covers das músicas dela no álbum *Every Man Has a Woman*. Em 2000, Yoko escreveu a apresentação do meu livro *A última entrevista do casal John Lennon e Yoko Ono*. Em 2008, publiquei um livro de memórias sobre como minha família enfrentou a dependência química de um dos meus filhos, e ela prontamente me autorizou a citar a letra de uma música de John – mais do que isso, a tomar emprestado o título dela para o livro: *Beautiful Boy* [publicado no Brasil como *Querido menino*].

Com o passar dos anos, viajei muitas vezes com Yoko. Em 1987 fui com ela à então União Soviética para o fórum da paz de Mikhail Gorbachev. Eu me lembro de Gorbachev citando Lennon (não Lênin) para Yoko e de estar com ela caminhando pela rua Arbat, a via principal de Moscou, quando jovens russos a avistaram, se aproximaram e, num inglês imperfeito, cantaram “Imagine”. Ela irrompeu em lágrimas.

Fui para o Japão com Yoko e Sean. Viajamos para Tóquio, Quioto e outras cidades; conheci pessoas da família dela; visitei a casa de seus ancestrais e aquela onde passou a infância; fui a lugares onde havia se apresentado antes de conhecer John e a outros que o casal visitou. Yoko e Sean também me visitaram na Califórnia. Às vezes, Sean vinha sozinho e ficava com minha família. Fomos à Disney e eu o levei para surfar em Santa Cruz. Estive muitas vezes com Yoko e Sam Havadtoy, seu namorado de 1981 a mais ou menos 2000. Fui com eles para o Japão, Londres e Los Angeles, e visitei Sean no internato em Genebra. Estive com ela durante os anos mais difíceis de sua vida, incluindo o momento em que pessoas em quem confiava a traíram e quando sofreu ameaças de morte. Por um curto período, Yoko, Sean e Sam saíram de Nova York e se mudaram para São Francisco, perto de mim, por causa das ameaças a ela e ao filho. Eu a aconselhei em algumas

daquelas noites difíceis, mas foi uma via de mão dupla. Yoko foi uma amiga leal que ajudou a mim e a minha família em momentos de aflição. Em *Querido menino*, conto a história dos amigos que ajudaram a salvar a vida do meu filho, que se viciou em metanfetamina e morava nas ruas de São Francisco. Esses amigos foram Yoko e Sean, que o levaram com eles para Nova York, depois para sua fazenda no norte do estado, e o convenceram a entrar num programa de tratamento contra o vício.

Isso aconteceu em 2002. Depois, Yoko e eu mantivemos contato por mais de uma década. Continuei a visitá-la em Nova York e São Francisco e conversávamos por telefone, mas pouco a pouco nos distanciamos.

EM 2021, DECIDI escrever a biografia de Yoko. Ela havia se aposentado e parado de conceder entrevistas, mas eu a entrevistara muitas vezes ao longo dos anos e a conhecia bem. Ainda assim, sabia que seria difícil escrever sua história, pois, tal como ela, sua vida foi complicada. Além disso, nossa amizade tornava a tarefa ainda mais desafiadora. Por um lado, meu relacionamento com Yoko me permitiria ser o autor de um livro que ninguém mais poderia escrever. Eu presenciara fatos dos quais ninguém mais sabia e testemunhara o impacto dos acontecimentos públicos sobre ela. Eu sabia quando certas fofocas e relatos da imprensa eram verídicos e quando não eram. Conheci lados de Yoko sobre os quais as pessoas apenas especulavam. Eu a vi nos piores momentos, de maior paranoia, medo e desespero, mas também nos melhores, de alegria, criatividade e inspiração, demonstrando aquela sabedoria de outro mundo a que John se referira.

Por outro lado, ao mesmo tempo que minha amizade com Yoko me dava acesso a perspectivas inestimáveis, também me obrigava a encarar uma pergunta difícil e fundamental: será que um jornalista consegue dizer a verdade sobre uma amiga? Eu não tinha interesse em apresentar uma versão lisonjeira da história de Yoko – a idealização filtrada de uma pessoa querida. Nem ela, nem Sean, nem seus representantes leram este livro antes da publicação. Contudo, biografias escritas por amigos são fundamentalmente diferentes daquelas escritas por biógrafos imparciais. Existe um viés (exponho o meu desde o começo), mas muitas dessas obras têm uma abordagem única e profunda justamente por causa do

relacionamento entre autor e biografado. Espero que o público leitor encontre aqui essa verdade.

Neste livro, não envernizei a realidade para retratar Yoko nem como santa nem como pecadora. Aliás, fiz o melhor que pude para remover esse verniz. Tentei reconstruir os acontecimentos e diálogos da forma mais precisa possível para relatar o que de fato ocorreu. Algo que não precisei fazer foi imaginar como é Yoko. Após décadas de amizade, sei como ela é e fiz o melhor que pude para mostrá-la.

Nestas páginas, exponho os erros e fracassos de Yoko. Revelo a profundidade e as origens de sua dor e de seu medo. Mostro também seu arsenal imenso de sabedoria, inteligência, humor, inspiração, talento e alegria; sua resistência e sua compaixão – seus triunfos e sua genialidade.

Por fim, este livro não é só sobre uma celebridade. Tomando emprestadas as palavras de outro beatle, é uma viagem mágica e misteriosa por momentos e lugares extraordinários. Fala de como as pessoas se ferem e se transformam. Fala de sobrevivência. Fala das pessoas que têm uma visão e um pensamento diferentes e sofrem por isso. Fala de arte, de criatividade e de um sonho de paz.

Quando olho para o passado e os mais de 90 anos de vida de Yoko, vejo uma das maiores histórias do nosso tempo, uma jornada dolorosa, emocionante e inspiradora.

PARTE 1

SÓ O CÉU COMO
TESTEMUNHA

1933-1966

CAPÍTULO 1

“MEUS PAIS TINHAM afinidade um com o outro, mas não comigo”, disse Yoko certa vez. “Meu pai era uma pessoa muito distante. Quando eu era criança, se quisesse vê-lo, tinha que ligar para o escritório dele e agendar um horário. E minha mãe estava sempre cuidando da própria vida. Era linda e parecia muito jovem. Costumava dizer: ‘Você deveria ficar feliz por sua mãe parecer tão nova.’”¹

Yoko também afirmou em outra ocasião: “Eu adorava minha mãe, mas não era recíproco. Ela estava ocupada demais com a própria vida.”²

No entanto, apesar de ter sido profundamente magoada pela negligência dos pais e de se ressentir deles, Yoko também lhes dedicava um respeito relutante. Sobre a mãe, falou: “Fico feliz que ela tenha sido assim em vez de ficar resmungando pelos cantos: ‘Dediquei minha vida inteira a você.’ [...] Porque isso seria um fardo. Não tenho aquela sensação de que devo algo a ela. [...] Então, nesse sentido, admiro sua força e inteligência. Minha mãe me ensinou a ser independente para que eu pudesse sobreviver diante da pressão da família Yasuda-Ono.”³

YOKO NÃO USOU EUFEMISMOS ao falar da pressão imposta pela família proeminente em que nasceu. Os Yasuda, do lado materno, estavam entre as famílias mais ricas e influentes do Japão entre o final do século XIX e

a Segunda Guerra Mundial. O *zaibatsu* – conglomerado financeiro – dos Yasuda incluía o Banco Yasuda, que já foi um dos maiores do país (e viria a se tornar o Banco Fuji). O pai de Yoko também era banqueiro. “Minha mãe me dizia: ‘Seu pai foi presidente de um banco, mas o meu foi *dono* de um.’”⁴

Isoko, a mãe de Yoko, era neta de Zenjiro Yasuda, que já foi considerado o homem mais rico do Japão, de acordo com o *The New York Times*. “Muitas vezes ele foi chamado de ‘J. P. Morgan japonês’ porque, assim como seu equivalente americano, não só era absurdamente rico como controlava a riqueza dos outros por meio de seus bancos.”⁵ Além da sua liderança no mundo dos negócios, ele se aventurou na arte, dedicou-se a tradições japonesas como a cerimônia do chá e patrocinou atores do teatro kabuki e lutadores de sumô.⁶ Nos últimos anos de vida, Zenjiro tornou-se filantropo, doando fundos para construir o Yasuda Kōdō (Auditório Yasuda), na Universidade de Tóquio, e o Hibiya Yagai Ongakudō (Teatro a Céu Aberto Hibiya), também em Tóquio.

Isoko era a filha caçula da primogênita de Zenjiro. (Na prática, Zenjiro adotou o genro para que este pudesse assumir o sobrenome da família.) Ainda jovem, Isoko vivia numa propriedade imensa em Tóquio onde andava a cavalo e brincava em amplos jardins.

Considerava-se inaceitável que uma mulher da família seguisse uma carreira profissional, mas Isoko foi autorizada a se dedicar às suas paixões. Na adolescência, aprendeu pintura, canto tradicional e instrumentos musicais. Yoko descreveu a mãe como *moga* – uma “garota moderna”.⁷ Existem fotografias de Isoko com vestidos longos e justos de Paris, colares de pérolas e batom escuro. O cabelo ondulado era curto e partido de lado, como o de Greta Garbo. Isoko frequentava festas requintadas, incluindo uma no resort de Karuizawa, onde sua família tinha uma casa na floresta nas cercanias da cidade. Foi nessa casa que conheceu Eisuke Ono, extraordinariamente alto, culto, bonito – e músico.

A ORIGEM DA família de Eisuke, o pai de Yoko, remonta a um samurai empobrecido cujo filho, educado nos Estados Unidos, teve sucesso nos negócios e acabou por se tornar presidente do Banco Industrial do Japão.⁸

Desde cedo, Eisuke já demonstrava talento para o piano e tinha a espe-

rança de se tornar concertista. Na adolescência, apresentou-se em concertos e recitais e era popular entre os jovens que passavam o verão com a família em Karuizawa. Lá, numa festa na casa dos Yasuda, Eisuke conheceu Isoko.

Na época, os casamentos no Japão eram arranjados por casamenteiros, mas os dois se apaixonaram. “Minha avó me contou muitas vezes que preferiu meu avô a inúmeros outros pretendentes que abordaram a família na esperança de conseguir a mão dela em casamento”, lembra Akiko Ono, sobrinha de Yoko.⁹ A família de Isoko não aprovou a união. Os Ono eram bem-sucedidos – o pai de Eisuke também era executivo num banco –, mas a fortuna dos Yasuda era muito superior à deles. A família dela era budista; a dele, cristã.¹⁰ Além disso, aceitar um músico como genro era inadmissível. Essa oposição se atenuou quando Eisuke cedeu à vontade do pai e tornou-se também bancário, desistindo com relutância do sonho de ser músico. Ele estudou economia e matemática na Universidade Imperial de Tóquio. Após se formar em 1927, aos 25 anos, trabalhou como atendente de caixa na filial do Yokohama Specie Bank em Tóquio, onde subiu na hierarquia.

O casamento Ono-Yasuda, em 3 de novembro de 1931, foi um evento glamouroso com a presença de convidados ilustres da sociedade de Tóquio.

O casal foi morar numa mansão entre embaixadas estrangeiras num dos bairros mais nobres da cidade. Segundo Yoko, Eisuke, em ascensão no banco, ficou amargurado por ter sido pressionado a abandonar a carreira musical. Isoko cuidava da casa, o que significava principalmente supervisionar os mais de trinta empregados, e continuou a fazer aulas de pintura e de música. Ela e Eisuke davam festas deslumbrantes. Membro do prestigioso Sagami Country Club, Eisuke jogava golfe três vezes por semana.

No começo de fevereiro de 1933, Eisuke se mudou para os Estados Unidos para gerenciar as operações do banco em São Francisco. Isoko permaneceu em Tóquio. Estava grávida de oito meses e meio.

A primeira filha do casal nasceu duas semanas depois da partida de Eisuke, em 18 de fevereiro de 1933, às oito e meia da noite. Foi chamada de Yoko, que significa “criança do oceano”.

Enquanto Eisuke estava nos Estados Unidos, Isoko morou com os pais numa propriedade dos Yasuda em Tóquio. Yoko só conhecia o pai por uma fotografia. Quando ia dormir, a mãe lhe mostrava a foto de Eisuke e dizia: “Dê boa-noite para o seu pai.”¹¹

Há fotos de família e filmes caseiros que documentam os primeiros anos da vida de Yoko. Num instantâneo, ela está sentada, de macacão com capuz, abraçada a um ursinho de pelúcia. Numa filmagem, engatinha até a mãe, que está dormindo. Isoko acorda e pega a filha no colo, aninhando-a e balançando-a com delicadeza.

Contradizendo essas imagens de uma mãe doce e atenciosa, Yoko percebia desde cedo seu frio afastamento. Isoko era glamourosa, exuberante, alguém que aparecia e desaparecia – para fazer compras ou jantar fora. Nas festas que dava, uma babá exibia Yoko para que os amigos da mãe pudessem admirá-la; depois, a criança era dispensada.

Yoko disse que Isoko fingia ser uma mãe amorosa para os filmes caseiros que enviava para Eisuke: “Ela nunca passava muito tempo comigo, exceto quando estava sendo filmada.”¹² Yoko já afirmou que sua mãe “na verdade, não queria admitir que era mãe. Estava sempre dizendo: ‘Hoje conheci fulano e sicrano. [...] Eles descobriram que eu tenho filho e ficaram muito surpresos! Não conseguiram acreditar!’ Esse tipo de coisa”.¹³

Embora usualmente não interferisse, Isoko dava instruções detalhadas para que as babás cuidassem de Yoko. Não deveriam balançar a criança nos braços ao carregá-la, pois Isoko temia que o movimento danificasse seu cérebro.¹⁴ As funcionárias receberam a ordem de não ajudar Yoko a se levantar se ela caísse. “Ainda me lembro de várias mulheres de quimono olhando para mim sem me estender a mão enquanto eu tentava me erguer do chão”, escreveu ela. Também se lembra de que as babás eram instruídas a desinfectar os bancos dos vagões de trem com chumaços de algodão embebidos em álcool quando a família viajava. “Minha mãe era germofóbica”, conta ela. “Por isso virei a doida da limpeza. Certa vez, joguei no chão um lápis que pedi emprestado de uma colega de turma porque ele ainda retinha o calor da mão dela. Até hoje acho desagradável me sentar numa almofada ou numa cadeira que ainda esteja morna porque alguém sentou ali antes.”¹⁵

EM 1935, EISUKE MANDOU BUSCAR Isoko e a filha. Yoko tinha 2 anos e meio quando ela e a mãe deixaram o Japão a bordo do navio *Michuru*. Yoko sempre se lembraria da sensação de chegar a São Francisco – o ar revigorante, a luminosidade.

Quando ela e a mãe desembarcaram, Eisuke aguardava no cais usando sobretudo e chapéu. Ele se aproximou e beijou Isoko. Então percebeu Yoko e lhe deu um beijo indiferente. Era a primeira vez que ela via o pai.

Yoko lembra que, quando era criança, o pai pediu para ver suas mãos: ela as mostrou e ele respondeu sem rodeios que eram pequenas demais para ser uma grande pianista. “Acho que minhas mãos chegaram a encolher quando ele disse isso”, recorda ela.¹⁶

Yoko refletiu sobre a discrepância entre a criança dos filmes caseiros da família – sapateando e brincando – e suas lembranças de solidão e isolamento. “Aprendi a mostrar aos meus pais o que eles queriam ver”, contou ela. “Queria deixá-los orgulhosos, queria que gostassem de mim. Mas eu era muito triste.”

EISUKE MANDOU A FAMÍLIA de volta a Tóquio em 1937, quando o Japão entrou em guerra com a China. Yoko tinha então 4 anos e um irmão, Keisuke – Kei –, nascido no ano anterior.

Isoko matriculou Yoko no jardim de infância em Jiyū Gakuen, onde ela mesma havia estudado. Era uma escola progressista com foco nas artes, incluindo canto e composição.

Um dos professores pedia que os alunos ouvissem os sons do ambiente – como o vento e o canto dos pássaros – e os traduzissem na forma de notas musicais. Para Yoko, traduzir sons em notas foi um processo natural. É claro que, na época, ela não sabia, mas aquela foi sua introdução à arte conceitual.

EM 1939, O BANCO TRANSFERIU Eisuke para a filial da cidade de Nova York. Um ano depois, em 27 de setembro de 1940, o Japão assinou o Pacto Tripartite, aliando-se oficialmente à Alemanha e à Itália. Isoko receava que os Estados Unidos logo barrassem a entrada de cidadãos japoneses, por isso viajou a Nova York com Yoko e Kei para ficar com o marido.

A família morou num subúrbio da cidade. Yoko, com 7 anos, foi matriculada numa escola pública e, pela primeira vez, vivenciou o racismo. “Fui ao cinema e descobri que os bandidos do filme eram da Ásia”, contou. “As pessoas viaavam no escuro. Algumas atiravam pedras em nós.”¹⁷

A família precisava manter as janelas fechadas porque os vizinhos se queixavam do cheiro da comida japonesa. Quando Yoko andava na rua com os pais, as pessoas gritavam xingamentos. Era hora de partir.

Os Ono voltaram ao Japão em fevereiro de 1941, quando Yoko fez 8 anos. Deixaram os Estados Unidos bem a tempo. No ano seguinte, mais de 100 mil nipo-americanos foram tirados de suas casas à força e confinados em “campos de realocação”.

Logo depois que a família voltou para Tóquio, Eisuke foi enviado a Hanói para ser gerente-adjunto de uma filial do banco. Mais uma vez, Yoko ficou sem pai.

YOKO COMEÇOU A FAZER AULAS DE PIANO aos 3 anos. À medida que crescia, assim como Isoko, foi instruída nas artes tradicionais japonesas, incluindo canto, caligrafia e pintura.

Poucas crianças eram vistas como companhias adequadas para Yoko. “Nunca passou pela minha cabeça que eu deveria estar brincando com outras crianças”, disse ela.¹⁸ “Minha mãe achava que as pessoas se aproveitariam da família se eu tivesse amigos.”¹⁹

Yoko era extremamente solitária. Ficava sozinha com tanta frequência que chamava os empregados e pedia chá apenas para ver alguém.

Sobreviveu à infância refugiando-se na imaginação; a mente era sua companheira mais leal. Voltou-se para dentro por instinto e passava horas desenhando num caderno e inventando histórias. Observava as nuvens e sonhava acordada. Encontrava paz e segurança na constância do céu.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

